



## **(DES)CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

Selma Reis Magalhães<sup>1</sup>

O artigo propõe uma discussão sobre a educação sexual e a construção e desconstrução de estereótipos em relação à homossexualidade no ambiente escolar, a partir da complexidade de valores sociais sistematizados por códigos culturais fundados, sobretudo, numa lógica hierárquica de gênero e na diferença anatômica do ativo/passivo. Como reprodutora de mecanismos que hierarquicamente ordena os sexos, a escola se serve de uma simbologia para definir espaços e papéis que homens e mulheres sejam eles ou elas heterossexuais, bissexuais e homossexuais devem atuar. Expressa também relações de poder, quando define a função dos sujeitos moldando corpos e mentes conforme as regras estabelecidas pelo social.

O trabalho é fruto de parte da pesquisa de mestrado sobre Família na Sociedade Contemporânea, onde a pesquisadora procura analisar o processo educacional de filhos e filhas de pais gays na dinâmica entre a família e a escola, levando em consideração a categoria de gênero, sexo e poder. Metodologicamente, apóia-se em entrevistas semi-estruturadas divididas entre três públicos: pais homossexuais, pais heterossexuais, os dois grupos com pais em idades entre trinta a sessenta anos, com filhos biológicos ou adotantes, com o equitativo de dez entrevistados entre as partes; o terceiro grupo formado por educadores, com um número de dez entrevistados entre coordenadores pedagógicos, docentes e gestores, perfazendo um total geral de trinta entrevistados.

A discussão sobre homossexualidade parte das observações de situações-problemas e inúmeras representações sobre sexualidade que são distorcidas ou simplesmente simplificadas aos fatores biológicos (corpo e reprodução), sem uma ênfase as conseqüências sócio-culturais na construção das identidades sexuais, gerando visíveis discriminações e homofobia no espaço escolar. Mesmo desenvolvendo ações afirmativas quanto às questões plurais de gênero e sexualidade, a escola ainda produz uma pedagogia para educação sexual pautada nos valores heterossexuais. Através de uma violência consentida, principalmente pela família, sutilmente disciplina, produz, aprova ou reprova corpos. Segundo Louro (2001), desde cedo meninos e meninas aprendem piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de

---

<sup>1</sup> Licenciada em História, Especialista em História Social e Educação e Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador. Endereço para contatos : e-mail; reisselma@yahoo.com.br ou reisselma74@gmail.com



gênero e de sexualidade admitidos pela cultura. O afeto, o contato físico e o carinho são trocados em guetos que estabelecem os critérios de distribuição e troca.

Peret (2005) define os guettos nas escolas como espaços criados no sentido de promover o controle de estranhos através do isolamento. É a maneira de definir regras de convivência, através de dinâmicas que definem a formação de territórios, tornando possível perceber o lugar da homossexualidade na escola. A formação de grupos revela o quanto, sob a ótica da maioria, os relacionamentos homossexuais são conflituosos no ambiente escolar. As agressões verbais e físicas, o isolamento e a exclusão traçada no mapa da intolerância contra os homossexuais são panoramas das realidades vividas constantemente nas escolas. Pesquisas realizadas por Castro; Abramovay e Silva (2004) revelam que "bater em homossexuais" é considerado menos grave do que usar drogas e roubar.

É freqüente também se ouvir estudantes e educadores evidenciarem colegas homossexuais com termos pejorativos que desqualifica qualquer ser humano, como “viado”, “bicha”, “lacrada”, entre outros, como construções simbólicas que codificam as identidades e remetem às diferenciações expressas de valores, regras e lógicas que o indivíduo incorpora para si mesmo, e como também são vistos pelos demais. O antropólogo Luiz Mott, em vários artigos sobre homossexualidade reforça aponta que a discriminação e o preconceito que verificamos através das nomenclaturas de “viado”, “bicha”, entre outros proferidas pelos estudantes e educadores aos colegas ou aos estudantes homossexuais nas escolas são frutos da educação familiar, principalmente quando o pai descobre que o filho é gay ou lésbica e o insulta, espanca, expulsa de casa, cria uma situação problema dramática.

Hall (2002) observa que, hoje, os indivíduos são desprovidos de identidades e que a humanidade está passando por uma “crise de identidades”, principalmente crianças e adolescentes que recebem vários tipos de educação. Uma da família - a educação doméstica; outra da escola - a educação instrumental, institucionalizada; uma terceira que é a identidade social, portanto, se constitui a partir de um conjunto de referências de identificação dos indivíduos, podendo ser cristalizada ou remodelada pelas relações sociais e inseridas num contexto grupal, tornando-se sujeita de tal construção coletiva. Para Carvalho (2003), as identidades são resultantes de entrecruzamentos socioculturais, uma apropriação de diferentes níveis heterogêneos presentes na sociedade, que tende a dividir o mundo por dualidades: de um lado está os machos, o masculino heterossexual, o normal; do outro estão às fêmeas, o feminino, o homossexual e o anormal. A



sexualidade aparece num conjunto de signos criados por fatores externos à dimensão sexual-biológica, o que permite a construção de um processo que acompanha todo o ciclo de vida.

Nas escolas, os papéis e as funções do homem e da mulher são ensinados, construídos e aprendidos a partir dos componentes que partilham e aderem valores que constituem o fundamento do modelo social estruturada pela diferença dos sexos. Através dos rígidos esquemas classificatórios, meninos e meninas aprendem a codificar os sexos pelos comportamentos aceitáveis para o macho e para a fêmea que se sedimentam nas múltiplas linguagens que instituem a razão da preservação humana. Segundo Louro (1997), meninos e meninas são ensinados a exprimirem os seus sentimentos e desejos sem se darem conta que existem uma grande dicotomia entre gênero e sexo. “Servindo-se de símbolos e códigos, ela [a escola] afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer [...]” (Louro, 2001, p.58).

Se o ato pedagógico reforça a importância das relações afetivo-sexuais entre homens e mulheres, por outro lado execram sutilmente as relações afetivo-sexuais entre as pessoas do mesmo sexo, passando a associá-la à promiscuidade, comportamentos estranhos, doenças, entre outros adjetivos, sem considerar que muitos educadores se sentem envergonhados de falar sobre a temática. A homossexualidade aparece como uma deformação social que gera conflitos de grandes dimensões, e precisa ser levada em consideração a constituição histórica da mesma.

Relegada à condição de dominado-passivo a homossexualidade sempre esteve em oposição ao dominante-ativo da heterossexualidade, ou seja, são zonas de tensões onde emergem padrões e valores de comportamento ideais e as diferentes. Fleuri (2002) diz que é preciso primeiro compreender como se apresenta o conceito de diferenças na escola em sua dimensão estrutural e não, apenas, em suas manifestações; como são trabalhadas as diferenças de sexo, gênero e sexualidade que geram os comportamentos ideais e as desigualdades que põem em risco a construção de identidades. Por isso que para muitos professores, a educação sexual ainda se constitui um tabu e uma um grande desafio na quebra dos próprios valores. Isto por não conseguirem, ainda, fazer a desconstrução dos estereótipos criados durante o seu processo de formação sobre o que vem a ser um se humano homossexual.

Além dos limites formativos, estão implicados os valores familiares, religiosos. É preciso observar que a aprendizagem sobre sexualidade transita pelos espaços escolares como parte constituinte das identidades tradicionais. A maioria da sociedade sempre aprendeu desde infância que sexo e sexualidade é a mesma coisa e precisa ser definida através dos órgão sexuais do homem e da mulher. Não consegue perceber, dentro de estudos de gênero, as múltiplas possibilidades nas



relações humanas para se viver os papéis de homem e de mulher, principalmente entre pessoas do mesmo sexo, o que torna difícil decodificar a ordem do diálogo e minimizar as resistências contra as minorias.

A educação sexual deixou de ser uma tarefa exclusiva da família, apesar do espaço privado ser o local onde “a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais constituirá sua sexualidade na infância” (MEC, v. 10, p. 112) e passou a ser compartilhada, entre outras instâncias sociais, como a escola, que se tornou cúmplice na formação das personalidades. Os seus limites de atuação andam de acordo com as demandas da educação requerida pela sociedade na qual se insere. Necessário se faz considerar que tanto as dimensões subjetivas, como as concepções educacionais e os valores e crenças, quanto às objetivas, como a organização dos currículos e os projetos pedagógicos, são atributos da educação imposta pelo social, quando impõe o seu poder de diferenciar, classificar e hierarquizar os sujeitos e como serão trabalhados os conhecimentos.

A escola é vista a partir da subordinação a um sistema de controle que separa iguais e diferentes, privilegiados e desprivilegiados. No senso comum, a educação sexual partilha os comportamentos apropriados ao homem e à mulher, deixando prevalecer os conteúdos referentes às disciplinas de biologia ou ciências naturais. Não se ensina sobre travestismos, homoafetividades, projetos de paternidades e maternidades gays, não se discute amor, cumplicidade, companheirismo, paixão, desejo, erotismos, nem corpo entre os opostos, menos ainda entre os iguais. Entretanto, segundo Carvalho (2003), as identidades sexuais são híbridas na sociedade, formadas por fragmentos pessoais e sociais que desafiam as categorias mais tradicionais e transcendem os espaços públicos e privados, o individual e o coletivo. A homossexualidade, nesse processo, tem um lugar estabelecido, porém os modelos ideais a enquadram como patologia e criam mecanismos de manobra para que os sujeitos identificados não cristalizem o comportamento em padrões, ou perturbem a tradição heteronormativa.

Pesquisas no campo das Ciências Sociais (HEILBNORN, 1999; MOTT, 2002; AMBRAMOVAY E CASTRO, 2006) revelam que a homossexualidade se constitui em problema para as escolas à medida que os sujeitos requisitam o direito à visibilidade e ao pertencimento social. As escolas estão fortemente baseadas na disciplinarização de corpos e mentes normalizadas e nos comportamentos e modos de pensar como mecanismos de controle e atuam sobre falas e silêncios, dos quais não dá conta discutir, uma vez que “o sexo é compreendido como uma dádiva, cedida na expectativa de uma aliança, que é a sua contrapartida.” (HEILBORN, 1999, p. 54)



*Construção das diferenças sexuais e de gênero no sistema escolar.*

Numa trajetória histórico-social, a educação se fazia mediante a experiência dos mais velhos para os mais jovens. A menina aprendia com a mãe as responsabilidades inerentes à mulher e os meninos com homens, assim como aprendiam também a preservação da memória dos ancestrais. “A ação educativa não se dava separada da vida.” (SANTOS, 2007, p. 31). A educação ocorria paralela com a aprendizagem, assumindo papel importante na produção dos valores culturais e sociais. A reprodução física e psíquica, como higiene, alimentação, descanso e afeto constituíam condições básicas de toda a vida social e produtiva. Cuidar dos mais jovens significava transmitir a cultura do grupo social e prepará-los também para a vida adulta - trabalho, guerra, sexualidade, família e cidadania.

Do ponto de vista da família, isso significa que as gerações mais velhas vão estar em um processo constante de aprendizagem uma com a outra, independentemente de se estar considerando pessoas de classe social econômica e educacional elevada ou dos que denomina hoje de camadas populares. (BIASOLI-ALVES, 2008, p. 23)<sup>2</sup>

A família manteve-se, inicialmente, responsável pela educação das gerações mais novas na maior parte das sociedades. As relações entre os membros da família e a comunidade permitiam que crianças e jovens adquirissem identidade cultural proposta para a realidade da sociedade em que vivam. Portanto, a educação sempre esteve presente nos meios de trabalho ou produção, nas relações decorrentes, nos modos de comportamento social, nos credos e ritos dominantes e nos conhecimentos correntes. A família, como uma cópia em miniatura da sociedade, dentro de um sistema patriarcal, tende a refletir no comportamento dos mais novos a estrutura aprovada pela sociedade do culto à tradição. Para Louro (1997), a família é uma escola de submissão, obediência e resignação social.

Durante a pesquisa, alguns entrevistados, pais heterossexuais, reforçam o posicionamento de Louro ao definirem a importância da educação familiar como espaço privilegiado para a formação de valores. Através dos depoimentos abaixo, pode-se observar que os comportamentos, segundo o gênero e sexo, estão muito ligados à desigualdade entre os sexos e a importância dos laços consangüíneos são visíveis, estabelecendo o verdadeiro modelo de estrutura familiar que congrega a figura do pai, da mãe e do filho, o que justifica a importância da presença dos mesmos no trabalho

---

<sup>2</sup> BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Cuidado e negligência na educação da criança na família. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; CARVALHO, Ana Maria Almeida (org). **Família e educação: olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 23



de educação escolar, para que meninos e meninas se torne um adulto “normal” e “aceitável” na sociedade.

A família é a união de um homem e uma mulher que se unem por amor e espontaneamente para ter filhos e ensinar a estes, sobre vida, amor, compromisso, solidariedade, responsabilidade, religiosidade, enfim tudo que é necessário para preparar o indivíduo para enfrentar o mundo e dar continuidade a valores morais e éticos. (M.U.S.R., 42 anos)

Eu e a mãe dos meus filhos participamos juntos de todos os eventos cívicos e sociais dos quais são necessários e básicos na vida de qualquer criança. Isto cria entre nós e nossos filhos um laço de identidade e afinidade. (M.V.S.R, 44 anos)

O processo educacional de homens e mulheres está impregnado de valores, conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados aceitáveis para a construção social das identidades masculinas e femininas. Os papéis de pai e mãe desenvolvem funções fundamentais para esse processo. Ser pai é impor a própria autoridade e o exercício da sexualidade aos filhos. “Observa que o pai tem com os filhos uma interação mais física e menos íntima, apresentando ênfase nos jogos de humor. Já a mãe centra-se na proteção, afetividade e cuidado do dia-a-dia”. (BIASOLI-ALVES, 2008, p. 37).

Outro fator para compreendermos a complexidade da construção e desconstrução dos estereótipos no ambiente escolar é a força da memória que está presente no coletivo. Cavalcanti (2007) aponta a memória coletiva como um referencial ao passado, que se justificam na aplicação de normas, costumes, deveres homogeneizadores como um referencial dialógico. Através de atributos físicos, morais e psicológicos, definidores das orientações sexuais, a sociedade, de forma muito simplista, rotula o que seria uma identidade homossexual e heterossexual, sendo que para os heterossexuais coube o papel condutor dos comportamentos e a identidade “normal”, enquanto para os homossexuais, as patologias e a identidade de “anormais”, sem que se compreendesse a complexidade das identidades para a sexualidade.

Em entrevista com educadores e pais heterossexuais sobre a identidade homossexual e o que ela representa para a nossa sociedade, alguns assim se colocaram:

Para mim é uma anomalia, que envolve as questões da genética. (C.V.A.A, 43 anos.)

[...] ainda não há algo que realmente comprove tal opção. Portanto nem patologia nem anomalia, mas culturalmente se julga como anomalia/aberração. (T.C.M.L., 51 anos)

Pode ser uma patologia ou uma anomalia, sendo que a segunda causa nos dá sentimento de culpa. (M.S.R., 37 anos)

Ser homossexual é uma “anomalia social”... Não há como explicar. (S.R.F, 33 anos.)



Penso que seja uma anomalia, pois neste meu tempo de vida sempre ouvi falar que homossexualidade é algo opcional e não patológico. (M.V.S.R.44 anos)

A partir destas premissas, fica evidente que a segregação e subalternização sexual do homossexual e a divinização da natureza máscula do homem heterossexual assegura a presença do preconceito. Os discursos se revestem, sobretudo, pela expectativa do vínculo genético evidente entre as partes e no modo como homens e mulheres constituem a própria subjetividade e os papéis sociais. A homossexualidade pode ser considerada, nesse estilo de pensamento, como uma anomalia genética, como declara alguns dos entrevistados durante a pesquisa, pressupõe-se que o indivíduo já nasça com essa deformação.

A transferência da educação familiar para a educação escolar com normas, currículos pré-estabelecidos, padrões de comportamento, atitudes e saberes, modificou o processo ensino-aprendizagem, dissociando-o da esfera espontânea das pessoas e migrando-o para o sistema operacional. A sexualidade é percebida dentro das normas disciplinadoras. Como lembra Bourdieu (1995), o mundo social constrói corpos por meio do trabalho permanente de formação através de um programa de apreciação e ação que terminam sendo considerados naturais e inscritos no biológico e legitimados através de uma relação de dominação. A escola treina e molda os corpos segundo as tradições, mesmo que tenha impregnado nos seus cantos e arredores o senso de desejo e erotismo, um caráter natural do sexo e da sexualidade.

As ações, comportamentos, falas, atitudes e silêncios, dos quais fazem parte o cotidiano escolar, tem servido muito para reproduzir e atender aos interesses de uma sociedade burguesa. Desde as séries iniciais a criança aprende a legitimar as diferenças e os papéis que irão desempenhar. O menino joga bola, luta, veste azul, enquanto, a menina precisa ter modos de moça, veste rosa, brinca de bonecas e casinhas. A menina não pode gostar de jogar gudes e ser menina? Ou o menino não pode gostar de dançar balé clássico e se menino? E se os dois assumirem tal postura, incluindo o seu lado homossexual, deixará de ser homem e mulher? O sistema escolar não apenas reflete a ideologia dominante sobre tais comportamento, como produz uma cadeia de masculinidades e feminilidades diferenciadas e hierarquizadas rígidas que impedem a formulação de outras possibilidades de sexualidades e gênero. “Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. [...] E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferenças.” (LOURO, 1997, p. 61).

A escola atua calcada em torno de três binômios, conforme salienta Souza (1994): a autoridade e a disciplina; o poder e o saber; o pecado e o prazer, com base nos conhecimentos pedagógicos. Seus espaços de produção e sentidos são instituídos de símbolos e códigos silenciosos



que delimitam o que cada um pode ou não fazer. Não há espaços, nessa verdade, para aqueles e aquelas cujos desejos, projetos de vida, afetividade corresponda a outro ou outra do mesmo sexo. Eles e elas existem, mas são isolados como se não tivessem história nem memória, ou como se não pertencesse a coisa alguma, apenas são doentes.

A oportunidade de se falar sobre homossexualidade fica restrita nas aulas de educação sexual às doenças transmissíveis ou aos vírus do HIV (AIDS), como se os heterossexuais estivessem isentos às doenças, ou para disciplinar comportamento quando se observa o “ser adolescente e vivenciar papéis homossexuais significa transgredir, por natureza do desenvolvimento biopsicossocial, projetos de vida familiar e social possível e desejável.” (SOUZA, 1994, p. 99); ou para validar os cuidados de higienização do corpo na expectativa de uma vida sexual mais saudável e desejável.

Por fim, percebem-se também, segundo Kunz (1993) em estudos sobre construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais, que no contexto escolar são visíveis, por excelência, as hierarquias e diferenças entre homens e mulheres e entre as condições sexuais desses homens e mulheres. Auxiliada pela família, a escola vem perseguindo há muito tempo o mesmo alvo, ou seja, disciplinar corpos e mentes, dentro de um processo didático-pedagógico, onde o desejo é distanciado dos discursos e o erotismo é sinônimo de pecado; a educação sexual restrita a desenhos de ciclos reprodutivos, totalmente dissociado da sexualidade e das questões de gênero. Um verdadeiro distanciamento da real construção do conhecimento em direção à diversidade de valores existentes entre os estudantes para que possam na vida adulta, por meio da reflexão, encontrar um ponto de auto-referência seja homossexual ou heterossexul, mas que possibilitaria o desenvolvimento de atitudes coerentes com os valores que eles elegeriam como seus.

### *Bibliografia*

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, juventudes:** o que une e o que separa. Brasília: Unesco, 2006.

BIASOLI-ALVES, Z. Maria. M.. Cuidado e negligência na educação da criança na família. In: MOREIRA, L. V. de C.; CARVALHO, A. M.A. (Org.) **Família e educação:** olhares da psicologia. São Paulo: Paulinas, 2008.

BOURDIEU, P.. A dominação masculina. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995, p. 133-184.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural e orientação sexual – temas transversais. Brasília, v. 10, 1997



- CARVALHO, M. G. de. **Sexualidades em psi-maior**: identidades sexuais e contemporaneidade. Belo Horizonte: Pulsar, 2003.
- CAVALCANTI, V. R. S. **Educação, História e Religião**: Ordens religiosas como lócus da construção de identidades femininas. *Revista Aulas (UNICAMP)*, v. 4/5, p. 1-28, 2007.
- DUARTE, L. F. D. D. A sexualidade nas ciências sociais: Leitura crítica das convenções. In: PRISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FLEURI, R. M.. **A questão da diferença na educação**: para além da diversidade. In: Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPEd).25, 2002, Caxambu. CD-ROM
- HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes louro). 7ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HEILBORN, M. L.. **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: JZE, 1999.
- KUNZ, M. do C. S.. **Quando a diferença é mito**: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física. Dissertação (Mestrado em educação) Florianópolis: UFSC, 1993.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2001.
- SANTOS, V. P. **Interdisciplinaridade na sala de aula**. São Paulo: Loyola, 2007.
- MOTT, L. **O crime anti-homossexual no Brasil**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2002.